

tempo — foi típico representante do que era, em essência, a imprensa naquele tempo⁽²⁸⁴⁾. A deficiência denunciada no episódio de forma tão contundente não pode, de resto, ser analisada isoladamente — como deficiência de Alcindo Guanabara, o indivíduo — mas no contexto das condições que a geraram e impuseram como normal. Nenhuma pessoa pode responder sozinha pelos males da sociedade a que pertence, pelas suas mazelas, mesmo quando as encarna e tipifica.

A outra figura destacada do jornalismo da época, e que sobreviveu alguns anos a Alcindo Guanabara, teve, realmente, mais de homem de letras do que de homem de imprensa, mas, sob aspectos diversos, tipificou também o jornalismo do tempo, inclusive porque participou da transição da folha quase puramente literária — até as políticas, antes, padeciam disso — para a folha em que a informação começava a ganhar destaque, acabando por dominar a opinião. Paradoxalmente, enquanto escritor, Paulo Barreto acompanhou muito de perto os defeitos da época; como jornalista, sua contribuição não foi no terreno da linguagem, portanto, mas no uso de métodos, que, não sendo novos, foram apurados por ele, aproveitados, praticados com inteligência, a entrevista e o inquérito e a reportagem em particular. O título de inovador, que alguns lhe atribuem, parece imerecido, e o é, sem a menor dúvida, quanto à reportagem. O juízo de Lúcia Miguel Pereira é exatíssimo: “Não é o Rio tão humano e tão brasileiro, de Machado de Assis e Lima Barreto que aqui se evoca, mas o Rio cosmopolita dos *snoobs*, sempre com um pé nos transatlânticos; dos *five o'clock teas*

(284) Alcindo Guanabara (1865-1918) nasceu em Magé, província do Rio de Janeiro, filho de professores; estudou em Petrópolis e, iniciando, no Rio, o curso de medicina, abandonou-o para dedicar-se ao jornalismo, depois de ter sido porteiro e inspetor de meninos. Redigiu *A Fanfarra*, na Faculdade, e entrou como varredor para a *Gazeta da Tarde*, de José do Patrocínio, onde trabalhavam Raul Pompéia e Luís Murat; no dia em que faltaram os redatores, escreveu todo o jornal, e passou a ser um deles. Foi escolhido pelos conservadores para, em 1887, dirigir o *Novidades*, destinado a combater o movimento abolicionista; dirigiu o *Correio do Povo*, de Sampaio Ferraz, batendo-se pela República. Trabalhou em *A República*, de 1896 a 1897, e na *Tribuna*, onde combateu o governo de Prudente de Moraes, o que lhe valeu a prisão e o confinamento em Fernando de Noronha, sendo libertado, a 16 de abril de 1898, por *habeas-corpus* impetrado por Rui Barbosa. Foi redator do *Jornal do Comércio*, redator-chefe de *O País* e *O Dia* e diretor de *A Imprensa*, onde defendeu a candidatura Hermes da Fonseca à presidência da República. Usou os pseudônimos: *Aranha Minor*, na *Gazeta da Tarde* e no *Novidades*; *Marielo*, no *Novidades* e na *Universal*; ali usou também *Diabo Coxo*, e, apenas no *Novidades*, *Mefisto*; *Scapin*, na *Semana*; e *Pangloss*, em *O Dia* e *O País*. Especializou-se em assuntos financeiros, polemizou com Ferreira de Araújo, José do Patrocínio e Carlos de Laet; foi deputado à Constituinte de 1891, renunciando ao mandato. Publicou: *História da Revolta de 6 de Setembro de 1893*, *O Acre*, *A Presidência Campos Sales*, *Discursos Fora da Câmara* e os discursos parlamentares sobre *Serviço Militar* e *Caixa de Conversão*. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, falou em nome desta no enterro de Machado de Assis. Faleceu do coração, a 19 de agosto de 1918, com 53 anos, quando senador. Dizia: “Eu sou jornalista, e mais nada. Nunca fui outra coisa”.